

Agricultura, Pescas e Exportação para os EUA: Dificuldades e Oportunidades

Museu dos Baleeiros | 10 de Abril de 2015

Intervenção de José António Soares, Presidente da Câmara Municipal da Madalena

[cumprimentos]

A cooperação e a amizade entre povos são fatores primordiais no progresso da humanidade e no advento da indispensável harmonia entre nações, em particular aquelas cujas relações históricas, sociais e afetivas seculares, se fortaleceram através dos tempos, não obstante as suas disparidades e antagonismos, mantendo a união na diversidade, e sobretudo na adversidade.

Assim, se define a relação entre os Açores e os Estados Unidos, sendo inquestionável que é pelas ilhas, como plataforma insubstituível nas relações transatlânticas, que se faz a abertura da Europa ao Ocidente.

“O oceano Atlântico não é a fronteira entre o velho Continente e as Américas. É o mar interior de uma comunidade de nações aliadas umas às outras através da geografia, da História e da sua necessidade vital”, afirmou Walter Lippman, durante o último conflito mundial.

Volvido meio século, esta continua a ser uma realidade incontornável. Efetivamente, o papel primordial dos Açores, durante este conflito, foi como todos sabem, invocado por Franklin Roosevelt que asseverou, na sua passagem pelas ilhas atlânticas que “os Açores haviam prestado uma contribuição muito especial no que concerne ao transporte de tropas para a Europa, tornando possível, desta forma, que o desfecho da guerra não se prolongasse”.

Minhas senhoras e meus senhores,

é, portanto, uma enorme honra estar aqui presente, neste IV Fórum Franklin Roosevelt - Açores e EUA: Estratégias de Desenvolvimento Sustentável, um debate que se assume não apenas como momento de reflexão, colocando os Açores no mapa do pensamento sobre as relações atlânticas, mas efetivamente como uma verdadeira homenagem a estas mesmas relações.

É crucial refletirmos sobre esta ligação geoestratégica, nas suas mais amplas dimensões, sem esquecer a perspetiva económica, pois na nova Aldeia Global, a economia que nos permitiu viver no século XX já não é viável, nem sustentável.

A relevância dos Açores nas relações transatlânticas resulta não apenas da sua localização no Atlântico, que lhe confere uma Zona Económica Exclusiva de quase um milhão de km², mas também da diversidade de recursos e sistemas de incomensurável potencial económico.

É, neste sentido, que o debate sobre o sector agroalimentar e das pescas, e o seu potencial de internacionalização e exportação se torna imperativo, pois num mercado interno de pequena dimensão, a venda à escala global assume-se como uma viável possibilidade de um crescimento sustentável, uma alavanca para o progresso do tecido empresarial regional, em particular na atual conjuntura.

Os Açores são responsáveis por apenas 0,3% das trocas comerciais efetuadas entre Portugal e o estrangeiro, sendo o peso das exportações no PIB regional de 3% enquanto que a média nacional é de 27%, de acordo com a publicação anual do INE “Estatísticas do Comércio Internacional” referente a 2013.

Estes dados não nos devem fazer baixar a cabeça. Muito pelo contrário, são prenúncio de uma necessária mudança estratégica e de um incalculável potencial de desenvolvimento, neste segmento inexplorado com uma colossal margem de crescimento, num momento auspicioso em que as exportações portuguesas continuam a crescer, em particular no setor agroalimentar, que em 2014 registou um aumento de 7,7% nas exportações (muito acima da média das restantes atividades económicas).

E neste domínio os Açores não são exceção. A região viu o valor dos produtos exportados em 2013 aumentar em 10 milhões de euros, ascendendo aos 121 milhões, de acordo com o INE, também sobretudo no sector agroalimentar, que lidera o valor das exportações regionais – para fora do arquipélago - absorvendo aproximadamente 36% do consumo de leite de Portugal e 50% do consumo de queijos, de acordo com a Sociedade para o Desenvolvimento Empresarial dos Açores.

Aliado a estes fatores, o impulso positivo dos mercados europeus faz com que seja o momento chave para a realização de uma profunda reforma. Não obstante os

Agricultura, Pescas e Exportação para os EUA: Dificuldades e Oportunidades

Museu dos Baleeiros | 10 de Abril de 2015

Intervenção de José António Soares, Presidente da Câmara Municipal da Madalena

condicionalismos inerentes ao isolamento açoriano, uma região ultraperiférica, cuja distância relativamente ao continente, aliada à dispersão entre ilhas, gera a chamada “dupla insularidade”, a verdade é que os produtos regionais detêm reconhecida qualidade aqui e além-fronteiras.

Minhas senhoras e meus senhores,

urge inverter a fragmentação do mercado regional, urge adotar uma política de transportes, que viabilize a internacionalização das nossas empresas e a exportação dos produtos regionais e urge apostar na valorização da sua qualidade e no reforço da sua imagem de marca.

Colocar a exportação de bens e serviços na vanguarda do processo de crescimento requer perceber quais são as necessidades presentes e futuras do mercado global e sob este aspeto é crucial fazer uma profunda reflexão.

Atualmente, os principais destinos do pescado açoriano são, como revelou a Direção Regional das Pescas, o mercado espanhol, italiano e grego, países que atravessam uma forte crise económica e financeira.

É imperativo incrementar cada vez mais o “mercado da saudade” ou os países emissores de turistas, permitindo aos visitantes comprarem no seu país natal, os produtos que conheceram em viagem.

Neste contexto, o da demanda por novos horizontes de exportação, a diáspora açoriana e as alianças históricas assumem um papel primordial, sendo os Estados Unidos da América o expoente máximo da conjugação destas realidades distintas, aliando ainda o colossal potencial desta praça, com mais de 225 milhões de consumidores, que paulatinamente se rendem aos produtos portugueses, como bem demonstram os recentes dados estatísticos, que revelam que, em 2013, os norte-americanos adquiriram mais de 110 milhões de euros em produtos das várias fileiras do agroalimentar português, em particular

produtos gourmet, como o azeite, o queijo e os vinhos.

Este é um mercado importantíssimo para o tecido empresarial português, ocupando o sexto lugar no ranking dos destinos das nossas exportações, sendo expectável que esta primazia se acentue com o Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP, segundo o seu acrónimo em inglês) atualmente em negociação entre a União Europeia e aquele país, e que irá dirimir e minimizar alguns dos maiores entraves à internacionalização das nossas empresas, como as barreiras comerciais, aduaneiras e não aduaneiras.

É crucial que as empresas açorianas saibam tirar partido deste acordo - particularmente benéfico para o arquipélago - uma vez que as principais exportações regionais são especialmente afetadas pelos 'picos tarifários' que os EUA aplicam, nomeadamente às conservas de peixe, cujas taxas aduaneiras chegam aos 139%, bem como no que concerne às exigências de certificação, que em muito condicionam a exportação dos produtos agroalimentares açorianos, como o queijo, comercializado pela Unileite e pela Lactaçoeres em 16 países, incluindo os Estados Unidos, através de pequenos nichos de mercado.

A par destas barreiras, é imperativo harmonizar as diferenças fitossanitárias e de reconhecimento regulamentar, sob pena do incomensurável potencial do comércio e investimento na grande bacia do Atlântico, sucumbir a exigências burocráticas que em nada contribuem para o desenvolvimento profícuo destas relações.

Minhas senhoras e meus senhores,

“Os únicos limites das nossas realizações de amanhã são as nossas dúvidas e hesitações de hoje”, afirmou Franklin Roosevelt.

Saibamos caminhar firmemente, fortalecendo esta relação histórica, económica e afetiva secular, lançando hoje as sementes para uma real aliança transatlântica, que preconize uma efetiva rede de cooperação, de união e coesão de ambos os lados do Atlântico.

Muito obrigada!